

# A NECRÓPOLE DA BOCA DO RIO: VIVÊNCIAS DA MORTE DE UMA POPULAÇÃO COSTEIRA NO BAIXO IMPÉRIO ROMANO

THE NECROPOLIS OF BOCA DO RIO (SAGRES,  
PORTUGAL): THE DEATH WITHIN A COASTAL  
COMMUNITY OF THE LOWER ROMAN EMPIRE

JOÃO PEDRO BERNARDES  
UNIVERSIDADE DO ALGARVE - CEACCP  
✉: jbernar@ualg.pt

HUMBERTO VERÍSSIMO  
UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
✉: humberto.verissimo@gmail.com

ALEXANDRA AMORIM  
UNIVERSIDADE DO MINHO  
✉: Alexandrina.amorim@gmail.com

ANA MARTINS  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
✉: ana.i.martins93@gmail.com

ANALES  
DE ARQUEOLOGÍA  
CORDOBESA  
NÚMERO 30 (2019)

---

## RESUMO

Boca do Rio é uma villa marítima situada no extremo sudoeste peninsular com uma ocupação entre meados do século I a meados do século V, tendo sido um dos sítios mais importantes no fabrico de preparados de peixe do sul da província da Lusitânia. Em 2016 escavaram-se nove sepulturas, datando do século III e IV, da sua necrópole que se encontravam ameaçadas pela erosão. Apresentam-se os resultados do mundo funerário detectado, bem como algumas das patologias que afectavam estas populações costeiras.

**Palavras Chave:** Villa marítima; necrópole costeira; desgaste dentário

---

## ABSTRACT

Boca do Rio is a villa maritima located in the southwestern extremity of the Iberian Peninsula with an occupation from the mid-1st century to the mid-5th century. It was one of the most important sites in the manufacture of salted fish from the southern province of Lusitania. In 2016 nine graves threatened by erosion were excavated, dating from the third and fourth century. The results of the detected funeral world are presented, as well as some of the pathologies that affected these coastal populations.

**Keywords:** Maritime Villa; coastal necropolis; dental wear

Boca do Rio constitui um dos maiores centros produtores romanos de preparados de peixe da região algarvia (Medeiros 2014-15; Bernardes e Medeiros, 2016). Este complexo industrial desenvolve-se de forma similar às *villae* rurais, pautando-se por três realidades construtivas diferenciadas: a habitacional constituída por uma *domus* com o seu balneário, mosaicos e estuques pintados, implantada na orla do mar; a fabril, nas imediações da primeira, à semelhança dos pátios agrícolas, onde se prolongavam os tanques de salgas; e um terceiro espaço identificado como área de transição entre as duas anteriores, da qual pouco se sabe. O sítio foi profusamente escavado na área residencial, mas a zona com as cetárias encontra-se quase inexplorada. Só Francisco Alves (1997) lá escavou, dando a conhecer um total de 12 tanques organizados em três núcleos. O espaço abarcado pelo complexo de salgas é considerável e muito bem conservado, de acordo com os trabalhos recentes que temos vindo a fazer em colaboração com a Universidade de Marburg (Bernardes *et al.*, 2019; Teichner *et al.*, 2019).

Na encosta a oeste das ruínas, num trilho da natureza entre a praia da Boca do Rio e a praia da Salema, começaram a aparecer, em 2015, alguns ténues vestígios de estruturas (telhas, tijolos, pedras esquadriadas e argamassa) que identificámos como correspondentes ao topo de sepulturas da necrópole do sítio romano da Boca do Rio que ali se localizava. Já em 2003 apareceu na falésia, que cai para o mar, uma sepultura que foi então escavada em condições particularmente difíceis (Green, 2003). Esta sepultura integrava-se no espaço sepulcral já referido por Santos Rocha (1896: 79) quando, aludindo aos vestígios que identificou na Boca do Rio, diz que “*na collina que se ergue do lado*

*Oeste também devem encontrar-se vestígios interessantes. Nós fomos informados de que ali tem descoberto sepulturas*”. Corresponde este local à Lomba das Pias e não ao Cerro das Alfarrobeiras onde Estácio da Veiga (1891: 177) assinala sepulturas, confirmadas por prospeções levadas a cabo na década 80 do século passado (Gomes, Silva e Martins, 1987: 46-47; 84) e então identificadas como a necrópole da Boca do Rio. Localizada a cerca de 600 metros das ruínas romanas da Boca do Rio, o cerro das Alfarrobeiras deve ser sítio distinto da necrópole que aqui tratamos, esta sim correspondente ao *campus sepulcralis* do sítio romano (Fig. 1).

A nossa intervenção em julho de 2016 visava investigar um conjunto de sepulturas romanas em vias de destruição devido quer aos agentes erosivos quer pela passagem e curiosidade humanas, uma vez que se situavam em dois troços mais ou menos paralelos do trilho da natureza existente no local. Foram escavadas 9 sepulturas repartidas por 3 áreas distintas localizadas de acordo com os indícios que assomavam à superfície e que se encontravam mais ameaçados. A estratégia desta intervenção, definida prioritariamente por razões de salvamento, não obedeceu, assim, à escavação em área, sempre desejável neste tipo de espaços sepulcrais, uma vez que possibilita aferir da sua organização.

Na área 1 começou-se por implantar uma quadrícula a fim de averiguar a natureza de alguns fragmentos cerâmicos e de um pequeno pedaço de estuque que aflorava sobre um afloramento de caliza, bem como o alinhamento do que aparentava ser uma estrutura em pedra. Se o estuque e os fragmentos cerâmicos constituíam materiais soltos já o alinhamento de pedras localizado 3 metros



**Fig. 1.** *Localização da villa marítima da Boca do Rio e da sua necrópole, onde incidiram as escavações em 2016.*

para oeste correspondia a uma caixa sepulcral de pedra, construída num corte efetuado na pedra calíça. Esta sondagem foi sucessivamente alargada em função de mais estruturas sepulcrais que se foram estendendo por três dos lados desta sepultura acabando por se definir um recinto sepulcral familiar. Aqui situaram-se as sepulturas 1, a tal caixa de pedra sobreposta à única sepultura de incineração, a 2, a 4 a 8 e a 9. Na área 2 foram abertas duas sondagens, determinadas pela ocorrência do topo de uma *tegula*, e outra a partir de um conjunto de fragmentos de *opus signinum* desde logo interpretados como correspondentes a uma possível cobertura do tipo *mensa*. Estas duas sondagens corresponderam, respetivamente, às sepulturas 3 e 6. Na área 3, localizada a ocidente

das anteriores numa parte mais elevada da encosta, foram igualmente abertas duas sondagens a partir da identificação de *tegulae* a assomarem à superfície e que correspondem às sepulturas 5 e 7, de que restavam apenas alguns fragmentos de *tegulae*. A numeração das sepulturas foi dada à medida que iam sendo identificadas no decorrer do processo de escavação (Fig. 2).

## AS SEPULTURAS

**Na área 1** foi aberta uma quadrícula que se destinava a averiguar um alinhamento do que parecia ser um muro de alvenaria que assomava à superfície do terreno e que veio a confirmar-se tratar-se de uma caixa de

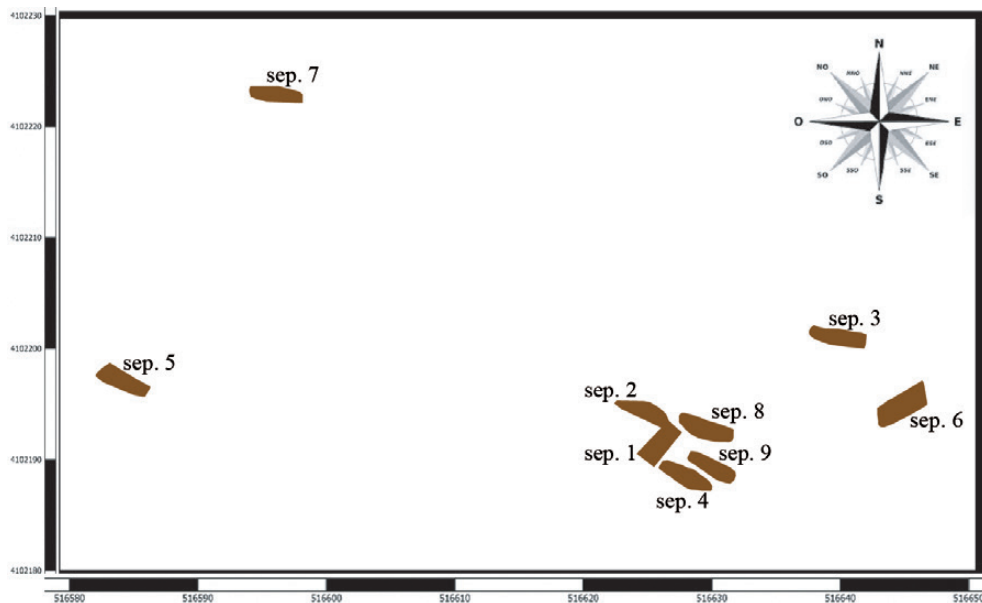
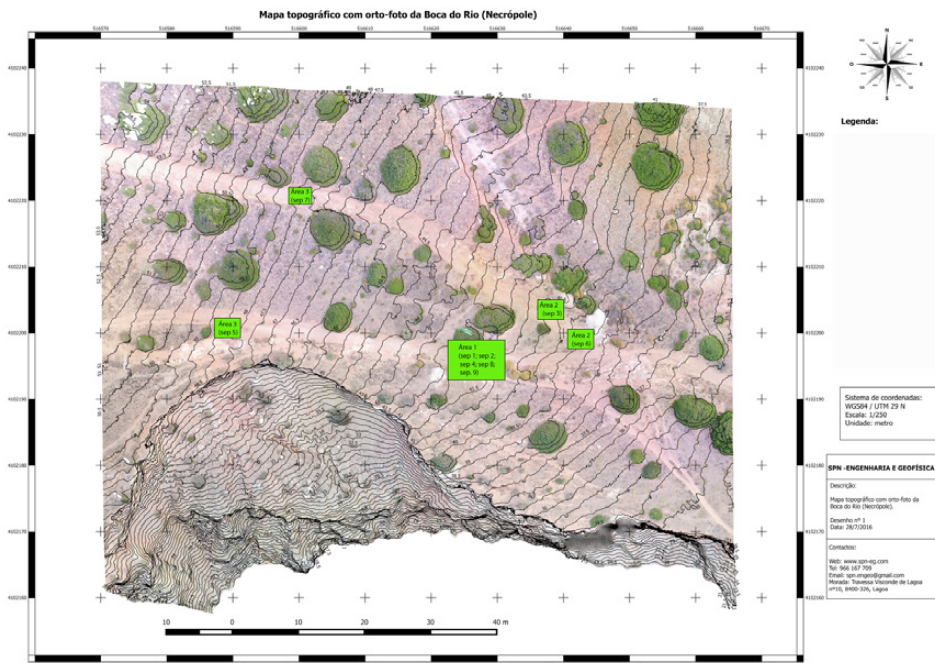


Fig. 2. Localização das 3 áreas escavadas em ortofotomapa.

alvenaria correspondente a uma sepultura implantada pelo lado oeste contra o afloramento rochoso que tinha sido cortado e que denominámos de sepultura 1. A caixa de alvenaria, com uma orientação nor-nordeste/su-sudoeste, sobrepunha-se a um primeiro enterramento de incineração, tipo *bustum*, com diverso espólio associado. Ao topo norte desta sepultura 1 foi adossado posteriormente uma sepultura em caixa de *tegulae*, que denominámos de sepultura 2, e que lhe é perpendicular. Do canto sudeste da caixa da sepultura 1 arranca uma outra, igualmente em caixa de *tegulae* e com a mesma

orientação da 2, ou seja, oes-noroeste/es-sudeste. No enfiamento da sepultura 2, para este, a cota mais baixa e parcialmente sob o afloramento rochoso onde se apoia a base da sepultura 1, encontra-se a sepultura 8, a única que mantinha um esqueleto em razoável estado de conservação. Entre esta e a sepultura 4, um alinhamento de *tegulae* que não pertencia nem a uma nem a outra, bem como uma terra mais remexida e pulverulenta, indicia a existência de outra sepultura de que não lográmos recolher qualquer resto osteológico, à semelhança do que ocorreu com as nºs 2 e 4 (Fig. 3).

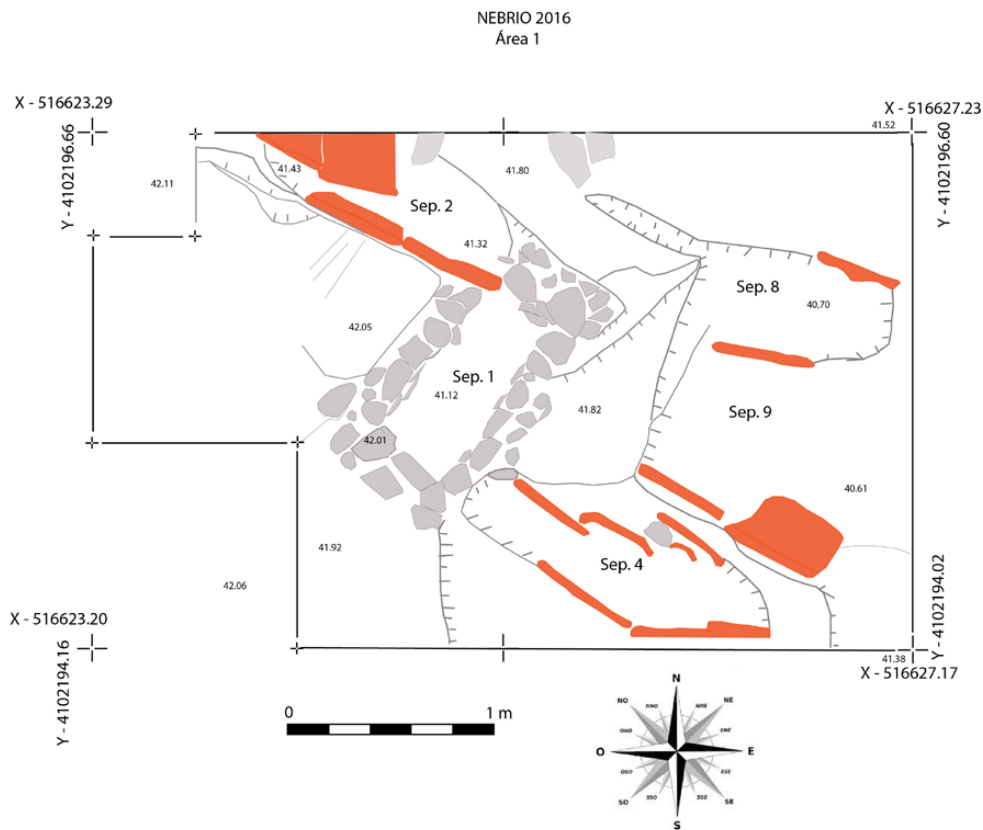


Fig. 3. Planta do complexo sepulcral da área 1



**Fig. 4.** *O complexo sepulcral da área 1 vendo-se em primeiro plano o indivíduo da sepultura 8 e a caixa de pedra da sepultura 1.*

A sepultura 1 é constituída por uma caixa de pedra seca formando um retângulo imperfeito com 97/ 87 cm nos lados maiores por 39/35 cm nos lados menores, com orientação sudoeste–nordeste, e que assentava diretamente sobre um cinzeiro, correspondente a uma incineração tipo *bustum*. Esta sepultura foi construída pelo lado oeste contra o afloramento rochoso, aqui cortado, e onde assenta. O interior da caixa estava preenchido com terra e pedras algumas de médio porte com cerca de 20 kilos, não se tendo detetado qualquer tipo de cobertura. Retiradas estas pedras apareceu de imediato uma camada de cinzas, com 5/6 cms de espessura, que embalavam espólio da incineração, acumulado sobretudo na metade sul, correspondente a um prato de TSA Clara C Hayes 50, a uma jarra (*lagoena*) ou anforeta fragmentada, uma moeda, uma lucerna tipo mineiro, um fragmento de vidro e outro de uma concha, outros fragmentos de cerâmica e algumas lascas de osso e um conjunto

de 7 pregos, sobretudo na metade norte, um agarrado ao pote e outro a um dente humano (pré-molar inferior), como resultado da temperatura a que foram sujeitos. Apareceram ainda três fragmentos de crânio circunscritos à parte Nordeste. Note-se que a caixa da sepultura assenta claramente sobre a camada de cinzas, não apresentando as pedras qualquer vestígio de fogo (Fig. 4).

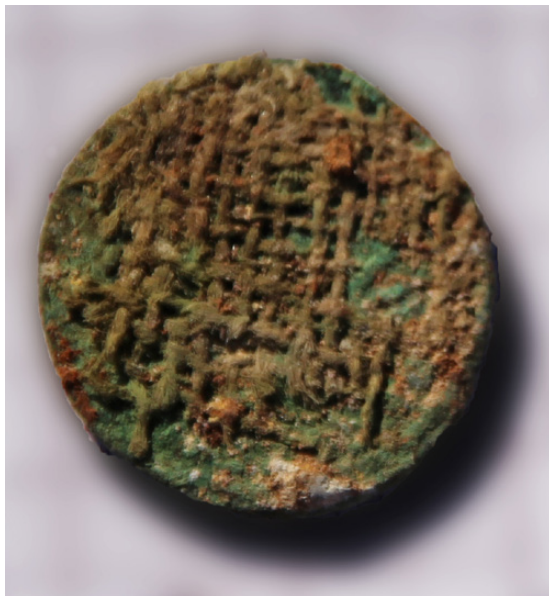
O canto noroeste da caixa de pedra correspondente à sepultura 1 é cortado pela sepultura 2 que lhe fica perpendicular. Com uma orientação Nw-Se, é uma sepultura em caixa de *tegulae* cortada parcialmente no afloramento rochoso em caliça. A parede norte é formada pelo afloramento rochoso e por uma *tegula*. Uma outra *tegula* colocada no corte poderia pertencer à cobertura da sepultura. A parede sul é formada por 2 *tegulae* deitadas de cutelo. Nesta sepultura, escavada numa caliça de grande pureza, não apareceu qualquer espólio arqueológico ou osteológico, à exceção de uma pinça de caranguejo (considerado símbolo da passagem e da reencarnação bem como símbolo lunar e da maternidade desde a Antiguidade clássica).

Semelhante e com a mesma orientação da sepultura 2 é a sepultura 4, que arranca do lado oposto da caixa de pedra (sep. 1), ou seja, do seu canto sudeste. Também escavada no afloramento, sendo a parte da cabeceira, junto à caixa de pedra, mais elevada, é lateralmente conformada por *tegulae*, à maneira de caixa. Não se recolheu qualquer tipo de espólio arqueológico ou osteológico.

Já a sepultura 8 ficava no enfiamento da sepultura 2, para este, e parcialmente sob o afloramento que suportava o *bustum* e a caixa de pedra que se lhe sobrepunha. Apresentava-se coberta com um *tumulus* de pedras de

várias dimensões, sendo a única que logrou conservar um esqueleto quase completo. Trata-se dos restos osteológicos de uma mulher adulta depositada em decúbito dorsal com as mãos sobre o ventre. O esqueleto conserva-se, ainda que muito fragilizado devido à natureza do solo que fez desaparecer parte das extremidades, nomeadamente dos pés. Foi depositado em cova aberta na terra, com pouco contacto direto com o afloramento em calíça, que fez com que se conservasse. Se a metade superior do esqueleto fica sob o afloramento, numa cavidade escavada sob a sepultura 1, já a parte inferior da sepultura é delimitada por *tegulae* dispostas em forma de caixa. Esta sepultura não ofereceu qualquer tipo de espólio arqueológico.

Entre a sepultura 8 e a sepultura 4, um alinhamento de *tegulae* a cota inferior à da sepultura 4 indicava outro enterramento. Aqui a cova foi aberta na terra ainda que não se tenha conseguido determinar com exatidão o seu perímetro, apesar de se ter escavado até ao afloramento. Nenhum espólio, arqueológico ou osteológico, foi recolhido, para além de alguns pequeníssimos fragmentos de cerâmica comum e de transporte e armazenamento, relacionada com material anfórico. A estratigrafia revela grande revolvimento de terras nesta zona o que terá contribuído para “apagar” as marcas da abertura da cova. Foi, todavia, detetada uma mancha preta que corresponde a uma carbonatação dos sedimentos, eventualmente devida à deposição de flores ou comida sobre o *locus sepulcralis*. Em toda a área 1, é neste sector onde se situam as sepulturas 8 e 9 que se regista uma maior potência estratigráfica. A sudeste da sepultura 9 e no enfiamento e a cota mais profunda da sepultura 4, começaram a surgir no corte alguns indícios da existência



**Fig. 5.** Moeda com fibras têxteis do sudário com que foi enterrado o indivíduo da sepultura 3.

de outro enterramento, nomeadamente alguns fragmentos de osso. Esta, que seria a sepultura 10, já não foi abrangida pela área escavada.

Simultaneamente a cerca de 20 metros para nordeste foram abertas duas sondagens que considerámos a **área 2**. A abertura da primeira destinava-se a apurar a que correspondia o topo de uma *tegula*, situada sobre um dos trilhos da natureza, confirmando-se corresponder a uma sepultura a que demos o nº 3. A segunda sondagem foi ainda implantada sobre um conjunto de fragmentos de *opus signinum* que assentavam sobre o afloramento rochoso que tinha sido cortado e situada a cerca de 8 metros para sudeste da sepultura 3. Os fragmentos de *opus signinum* constituíam a cobertura destruída de uma sepultura tipo *mensa* – sepultura 6 – e que



**Fig. 6.** Sepultura 6 escavada na rocha à maneira de sarcófago e com cobertura em *opus signinum* do tipo *mensa*.

tinha sido escavada no afloramento rochoso à maneira de sarcófago.

A sepultura 3, com orientação este-ocidente, era constituída por uma simples cova, possuindo apenas uma tégula de topo, ainda completa, junto aos pés do inumado como forma de assinalar. Preservava-se apenas parte do crânio e alguns fragmentos de ossos longos muito degradados. O registo de fragmentos de tecido agarrados ao único numisma que apareceu junto da cabeça do indivíduo, aponta para que o corpo tenha sido envolvido num sudário e depositado numa cova aberta no solo, sem qualquer tipo de sepultura estruturada (**Fig. 5**). O crânio des-

caiu para trás e a moeda estava a algumas dezenas de centímetros numa bolsa de terra solta. Dada a natureza cársica do subsolo é provável que a bolsa corresponda a uma das fendas no seio dos calcários tão típicas deste tipo de ambientes geológicos; outra possibilidade era ali dar-se início a uma outra sepultura que só o alargamento da área permitiria confirmar. Esta moeda, um *AE 2* ilegível, teria estado em contacto com o corpo do inumado, colocada quando o cadáver foi lavado e envolvido no sudário, prática bem conhecida no sudoeste peninsular que remonta a uma tradição tardo púnica, bem documentada em Cádiz, onde se conhecem também alguns exemplares de moedas com restos de tecidos (Arévalo & Moreno, 2016; Moreno & Arévalo, 2017:10)

Ainda não muito longe da sepultura 3, sobre o mesmo trilho, foi identificado outro enterramento a partir de um conjunto muito alargado de fragmentos de *opus signinum*, correspondente a uma sepultura com cobertura tipo *mensa* (Sepultura 6). Alguns destes fragmentos tinham mesmo a curvatura do remate entre o dorso e o afloramento onde a sepultura, em forma de caixa, foi escavada (**Fig. 6**). Este tipo de enterramento com cobertura em *opus signinum* é muito típico do Norte de África e está documentada quer em Milreu quer no Cerro da Vila, ainda que para ambos os casos a cronologia seja mais tardia (Teichner, 2008). Está ainda muito bem representado em Tróia a partir do século IV, quer em forma de sigma, as menos frequentes, quer em formato retangular (Pinto, 2016). Com uma orientação nordeste-sudoeste, constituía uma caixa perfeita com 2,05 metros de comprimento (7 pés romanos) por 1,05m de largura (3,5 pés) e cerca de 1,20 de profundidade (4 pés), com um rebordo sensível-



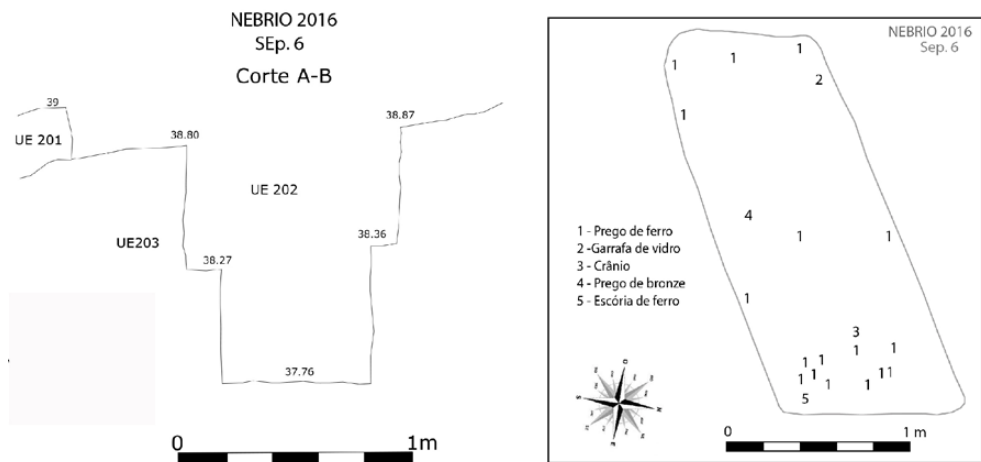


Fig. 7. Corte da sepultura 6 e distribuição do espólio recolhido.

mente a meio, ou seja, a 2 pés de profundidade. Estas são as medidas da caixa, ou sarcófago, escavada no afloramento rochoso, ainda que sobre o afloramento havia uma camada de terra o que aumenta a profundidade máxima total da sepultura para cerca de 1,5m (da parte sul). Para além de algumas conchas e fragmentos de cerâmica comum existentes à superfície e misturados com os fragmentos do *opus signinum* da cobertura, certamente resultantes de banquetes funerários (*silicernia*), esta sepultura permitiu recuperar 2/3 de uma garrafa de vidro Isings 103 colocada aos pés do inumado, para além de um pequeno prego (tacha) em bronze e dezoito pregos, 11 encontrados a delimitar o que teria sido o perímetro do esquite de madeira, a que pertenciam, e os restantes 7 concentrados junto à cabeceira do caixão. A oxidação destes pregos em ferro permitiu a conservação de pedaços de madeira que lhes estavam agarrados. Só parte do crânio, situado no lado nordeste do túmulo, é que se conservou em muito mau estado, tendo o

sedimento em calça acabado por fazer desaparecer o resto do esqueleto. A estratigrafia é simples, composta por uma camada superficial de *terra rossa* compacta com nódulos de calça semelhante à terra superficial, ainda que mais compacta (UE 201), a correspondente ao afloramento de calça onde foi escavada a sepultura (UE 203) e uma terceira camada (UE 202) composta pelo enchimento da sepultura caracterizada por terra solta castanho amarelo-esbranquiçada com pedriças de calça, eventualmente resultante do sedimento escavado para abrir a cova. A terra era cada vez mais solta à medida que se aprofundava. O espólio, a garrafa de vidro e os pregos com vestígios de madeira que definiam o perímetro do caixão, encontravam-se nos últimos 20 cm desta terra solta e esbranquiçada de calça (Fig. 7).

A área 3 integra duas sepulturas de *tegulae*, a nº 5 e nº 7, situadas mais a oeste sobre os trilhos da natureza, muito destruídas e sem qualquer tipo de espólio. Estavam sobre o afloramento rochoso, que se situava

a muito pouca profundidade, e com uma estratigrafia simples e indiferenciada entre o que seria o interior e o exterior da cova de inumação. Situada no mesmo trilho pedestre onde se situa a área 1, a sepultura 5 foi identificada a partir do topo de um fragmento de tégula e por um buraco de violação, aparentemente devido a atividade recente e ilegal de algum “caçador de tesouros”. Nada foi detetado, nem espólio nem restos osteológicos, nesta sepultura escavada no caliço e que era formada por uma caixa de *tegulae*, de que restam apenas uma lateral e outra no topo, com orientação noroeste-sudeste. Tem uma estratigrafia simples composta pela UE superficial (301) caracterizada por terra avermelhada (*terra rossa*) com nódulos de caliça, com cerca de 20 cm, e que nos seguintes 20 cm se vai alterando progressivamente para a camada de caliça (302), em que cada vez mais o caliço supera a *terra rossa*, até chegar ao afloramento em que a sepultura foi escavada (303), a uma profundidade máxima de 60 cm. Já a sepultura 7, situada no mesmo trilho pedestre da sepultura 3, foi identificada pelo topo de um fragmento de tégula que assomava à superfície. Logo abaixo surgia o afloramento rochoso, sobre o qual foram detetadas 2 metades de *tegulae* já deslocadas do seu local originário. Nem restos osteológicos nem qualquer outro tipo de espólio foi detetado, devendo a sepultura, escavada no afloramento, ter uma orientação este-oeste. Muito danificada, aparenta tratar-se de uma sepultura com cobertura em tégula de duas águas. A estratigrafia corresponde à camada superficial, semelhante à 301, e à do afloramento (303) não sendo tão clara a camada de transição para o caliço (302) por o afloramento se encontrar nesta área mais consolidado. A profundidade máxima da sepultura

que se prolongaria, provavelmente, para oeste, é de 45 cm.

---

## ESPÓLIO E SIMBOLOGIA

---

Por toda a área da necrópole é frequente verem-se pequenos fragmentos de cerâmica de construção e doméstica. Se os primeiros poderão corresponder à cobertura de sepulturas em *tegulae*, já os segundos estarão ligados às práticas dos *silicernia*, ou seja, aos banquetes funerários e à prática de oferenda aos Manes de fragmentos de objetos do quotidiano que seriam espalhados pela área sepulcral.

Espólio funerário significativo só foi oferecido pela sepultura de incineração e pelas sepulturas de inumação 3 e 6. O demais espólio encontrado no interior das sepulturas ou espalhado pela superfície resume-se a alguns fragmentos de cerâmica comum, pequenos e informes, que teriam sido ali depositados aquando das inumações ou das libações e rituais de purificação, como os banquetes e oferendas funerárias que eram praticadas nestes espaços.

Na sepultura 1 recolheu-se um prato quase completo de *terra sigillata* Clara C Hayes 50a e que é datável entre 230/240 e 325d.C.; uma lucerna tipo mineira faltando-lhe parte do disco; uma moeda não identificável; alguns pregos em ferro; um dente com um prego fundido nele e uma pequena jarra duplamente asada fragmentada com um prego de ferro igualmente fundido nela. A existência destes pregos calcinados num dente e numa peça cerâmica prendem-se com o facto de todo o espólio ter sido sujeito às altas temperaturas aquando da incineração, aparentemente *in situ*, comprovado

ainda pelos vestígios de fogo que o restante espólio apresenta. Os fragmentos de vidro e de outras peças cerâmicas que aparecem fariam parte da prática de se atirarem objetos ou fragmentos deles para a fossa durante o ritual de cremação.

O prato Hayes 50, de lábio em duplo bisel, bem apontado, de parede retilínea e evasada, com diâmetro que ronda os 20cm, atesta-se desde a primeira metade do século III, sendo uma forma muito difundida em meados e na segunda metade do século (Atlante, 1981: 65) particularmente em contextos funerários. No Algarve ocorre, por exemplo, na necrópole do Paúl (Tavira) na margem direita da ribeira da Asseca (Pereira, 2018: 272).

A lucerna mineira ou, mais corretamente, do tipo Rio Tinto-Aljustrel, uma vez que foi produzida nesta área do sudoeste peninsular, provavelmente entre Sevilha e Huelva, ocorre com frequência em contextos funerários, como é o caso da necrópole norte de *Balsa* onde foram identificados 18 exemplares (Pereira, 2018: 153-156). A nossa peça, com o *discus* fragmentado e pouco profundo, aparece predominantemente em contextos entre a segunda metade do século II e a primeira metade do III.

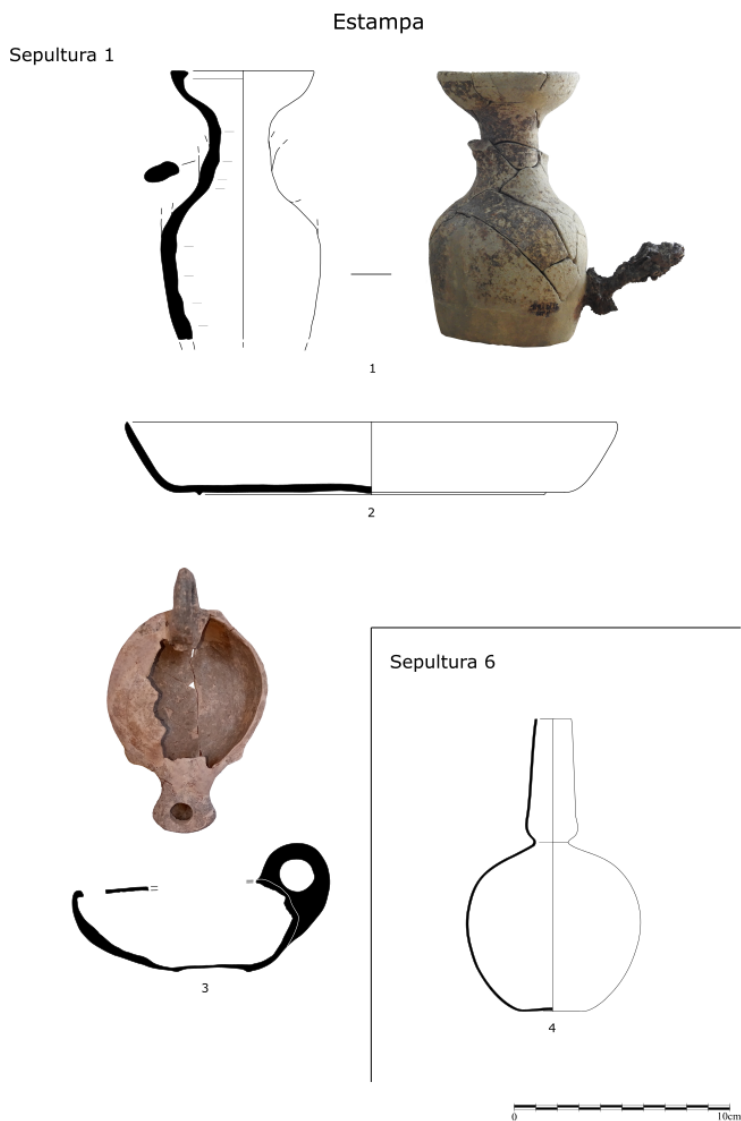
A bilha ou anforeta duplamente asada, de provável proveniência bética, é de difícil identificação quer por ser um exemplar pouco frequente, quer por só se preservar a metade superior. Tem muitas similitudes, na parte que se conserva, com uma anforeta de Conimbriga, igualmente com bojo ovoide, colo estreito e longo, e duas asas, tendo pé em forma de anel, embora com um fabrico diferente em cerâmica siltosa (Inv. 66.799), datada do Baixo Império (MMC, 1994: 128-

129, fig. 401.2). A nossa bilha, de bordo oblíquo evasado e mais espesso na extremidade, tem ainda algumas similitudes com as bilhas da forma XII-A-1 definida por Inês Vaz Pinto (2003, pp.429-430), ainda que estas possuam apenas uma asa cujo arranque superior se localiza no bordo e não no colo. Este exemplar encontrava-se muito fragmentado e tinha um prego de ferro fundido na parede (Fig. 8).

Se o prato e a jarra, tal como os fragmentos de vidro e de cerâmicas, se inscrevem no espólio de carácter ritual oferecido para acompanhar o morto no além, já a lucerna e a moeda revestem-se mais de um carácter apotropaico com fins mágico-supersticiosos e profiláticos. Neste último caso incluem-se também pregos, chumbos derretidos, escórias, dentes de animais e malacofauna destinados tanto a fixar o defunto ao seu novo lugar sepulcral, como a proteger a sepultura contra espíritos malignos. A Associação entre o prato de *terra sigillata* africana, a bilha de duas asas, a lucerna e os pregos aparecem por vezes associados à celebração de banquetes, nomeadamente no exterior das sepulturas, como acontece com o enterramento 54 da necrópole de La Viña (Fernández Sutilo, 2016: 241).

Na sepultura 3 o único espólio significativo é um numisma ilegível, da época baixo imperial, que se encontrava caído junto ao que restava do crânio do indivíduo desta sepultura e que tem a particularidade de ainda apresentar vestígios da mortalha ou sudário em que o cadáver terá sido envolvido aquando da sua tumulação (vide Fig. 5).

A Sepultura 6 ofereceu uma garrafa do tipo Isings 103, com o característico estrangulamento no arranque do gargalo alto e



**Fig. 8.** *Espólio mais significativo recolhido nas sepulturas 1 e 6.*

estreito, que será datável do século IV, para além de um vasto conjunto de pregos em ferro correspondentes ao esquife de madeira em que o indivíduo foi sepultado e ainda um pequeno prego de bronze, tipo tacha, e dois

pedaços de escória de ferro. Curiosamente a oxidação dos ferros permitiu que ainda trouxessem agarrados fragmentos de madeira do caixão. Este tipo de garrafa, que não é muito frequente e que ocorre em contextos funerá-

rios, apresenta a mais das vezes gravações incisivas no corpo globular. O nosso exemplar é liso, tal como os dois que ocorrem nos contextos funerários balsenses (Pereira, 2018: 168-169; Fig. 66). Já à tacha em bronze, bem como aos dois fragmentos de escória de ferro, poderá atribuir-se um propósito profilático de proteger a tumba e de fixar o morto ao lugar da sepultura. Aliás, a partir do século III, e à medida que a prática de inumação avança como prática ritual exclusiva, assiste-se a uma redução do espólio ao mesmo tempo que os objetos de carácter ritual são cada vez mais substituídos por peças simbólicas. Esta realidade parece estar bem testemunhada nas sepulturas escavadas nesta necrópole da Boca do Rio.

---

## OS DADOS BIOANTROPOLÓGICOS: PALEOPATOLOGIAS DE UMA POPULAÇÃO COSTEIRA

---

No que diz respeito às evidências biológicas, os indivíduos estudados apresentavam-se em parco estado de preservação, devido a alterações tafonómicas elevadas associadas as características do subsolo da região. Assim, do conjunto das nove sepulturas escavadas, apenas quatro, três de inumação e uma de cremação, apresentaram vestígios osteológicos. Não obstante foi possível verificar que os restos osteológicos pertencem, na totalidade, a indivíduos adultos, tendo apenas sido possível inferir a diagnose sexual num único indivíduo, o da sepultura 8, sendo esse de sexo feminino com idade compreendida entre os 30 e 49 anos (para a estimativa da idade à morte socorremo-nos da morfologia da

sínfise púbica (Brooks-Suchey, 1990), e da morfologia da superfície auricular (Lovejoy *et al.*, 1985). A estatura do indivíduo, com base no comprimento máximo do úmero esquerdo (Mendonça, 2000) ronda os 157,74 ± 7,70cm o que se enquadra nos valores conhecidos para a estatura média da mulher romana da costa algarvia, nomeadamente em *Ossonoba* e Cerro da Vila (Fernandes, 2012: 78; Santos, Cunha e Silva, 1992). Do ponto de vista odontológico, foi possível observar a presença de um total de 15 dentes, 14 dos quais *in situ* e um solto, bem como a perda *ante mortem* de 9 dentes, 5 dos quais molares. No respeitante à patologia oral, apenas foi observada a presença de uma pequena cárie de origem interproximal, no terceiro molar superior esquerdo. Aliás, no caso particular desta população destaca-se a fraca frequência de cáries, tendo sido identificadas, em 41 dentes, apenas 3 cáries interproximais que afetaram um molar, um incisivo central e um canino. O baixo índice de cáries nas comunidades da época romana é frequente indiciando uma dieta pouco rica em açúcares, cujo consumo só terá um aumento significativo a partir da Idade Média. Esta baixa incidência das cáries foi observada também em *Ossonoba* e Cerro da Vila, correspondendo a 16,5% e 14,7% dos dentes analisados sendo na sua maioria cáries pouco severas (Fernandes, 2012: 87-88).

Saliente-se, ainda, o facto de ter sido observado desgaste dentário em vários dentes, oscilando o grau entre 3 e 5 na escala de Smith (1984), algo também registado na dentição de 12 dos 35 indivíduos estudados da necrópole de *Ossonoba* (*idem*: 91) e também noutros sítios pesqueiros (Assis e Barbosa, 2008). A coluna vertebral apresentou alguma patologia degenerativa, nomeadamen-

te através da presença de labiação no sacro, bem como na quinta e quarta vértebras lombares. Foi igualmente observado a presença de espigas laminares pequenas em todas as vértebras lombares, e desde a terceira à 12<sup>a</sup> vértebra torácica.

tesanal era comum observar os pescadores utilizarem os dentes na preparação das suas redes, particularmente para cortar fios e fazer ou desfazer nós, utilizando para tal sobretudo os incisivos. O desgaste atípico dos dentes em parte da população ossonobense, uma ci-

SEPULTURA	ENTERRAMENTO	RITO	ESPÓLIO
1	4	incineração	Moeda, lucerna mineira; prato TSCC Hayes 10; jarrita de cerâmica comum; pregos de ferro
2	-		
3	1	inumação	moeda
4	-		
5	-		
6	3	inumação	Garrafa Isings 103; pregos e madeira do esquivo; tacha de bronze
7	-		
8	2	inumação	
9	-		

**Fig. 9.** *Relação das sepulturas com os enterramentos e respetivos espólios.*

Nas restantes 3 sepulturas o estado fragmentário e as alterações sofridas impossibilitaram qualquer tipo de identificação (**Fig. 10**). Apenas os dentes recolhidos, nomeadamente os 23 da sepultura 6 e os 2 da sepultura 3, permitiram aferir um elevado grau de desgaste, sobretudo nos incisivos que chegavam ao grau 5 na escala de Smith, tal como alguns da sepultura 8. Um tão elevado grau de desgaste, sobretudo ao nível dos incisivos, tem levado alguns autores a admitir que tal poderá dever-se à utilização dos dentes como terceira mão. No caso já referido de *Ossonoba*, também é ao nível dos incisivos que se verifica os dentes com desgaste atípico o que reforça a ideia que esse desgaste pode ser devido a atividade extramastigatória da dentição, nomeadamente utilizando a boca como terceira mão. Entre a população que até há pouco tempo se dedicava à pesca ar-

dade portuária que tinha na pesca uma das suas principais atividades, e agora também entre indivíduos do sítio pesqueiro da Boca do Rio, remete-nos para aquele quadro etnográfico

Mas as patologias decorrentes da atividade relacionada com a pesca das populações costeiras vão além das anomalias odontológicas. Ainda que no caso da Boca do Rio a preservação de apenas um esqueleto não permita conhecer o quadro geral das patologias degenerativas articulares da comunidade local, seriam certamente frequentes as relacionadas com esforços e a vida dura a que estavam sujeitas quotidianamente as pessoas que viviam e trabalhavam nesta *villa maritima* dedicada ao fabrico de preparados de peixe. É o caso de lesões nas vértebras cervicais e lombares registadas em vários



**Fig. 10.** Restos osteológicos da sepultura 6.

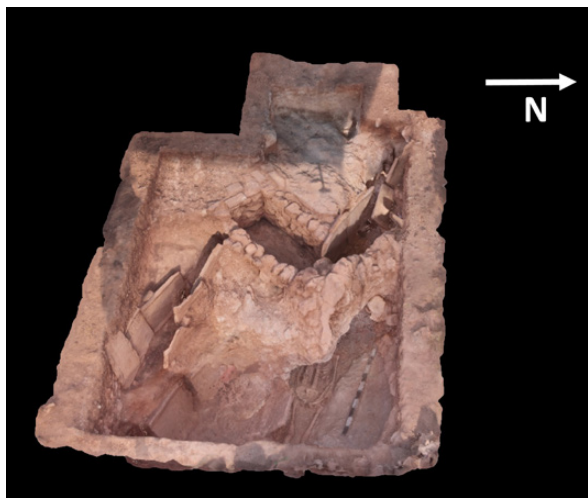
indivíduos de *Ossonoba* e também no único caso analisado na Boca do Rio e que se poderá relacionar com o esforço requerido pelas atividades pesqueiras e de transformação de peixe. Outra situação igualmente relacionada entre os indivíduos e o mar em *Ossonoba* é a presença de três casos de exostoses auriculares em dois dos indivíduos analisados e que decorrem da exposição muito frequente e durante longos períodos de tempo de indivíduos à água fria como a que acontece frequentemente com indivíduos que se dediquem ao mergulho e pesca por apneia (Fernandes *et al.* 2013; Santos *et al.* 2016).

## DISCUSSÃO: VIVÊNCIAS DA MORTE NA BOCA DO RIO

As 9 sepulturas detetadas nas três áreas poderão ser datadas entre os meados ou segunda metade do século III, no caso da única sepultura de incineração, e o pleno século

IV. Corresponderia, assim, esta necrópole, à fase de ocupação baixo-imperial da *villa* marítima da Boca do Rio. O espaço sepulcral correspondente aos séculos anteriores talvez se situe na plataforma, também sobre a falésia, entre a necrópole agora intervencionada e as ruínas da *villa*. As 3 áreas escavadas apresentam claros indícios de violações ao longo dos tempos de que a destruição cabal da cobertura da sepultura 6 é apenas o mais evidente. A área 1 também revela indícios de ter sido muito mexida, não sendo de excluir que existisse por aqui qualquer tipo de construção a marcar a paisagem funerária. O afeiçoamento do afloramento calcário junto ao topo da sepultura 1 e o aparecimento de uma cornija e de fragmentos de outros elementos construtivos sugerem isso mesmo.

Das 3 áreas, a área 1 é, claramente, um espaço de enterramento familiar (**Fig. 11**). A primeira sepultura teria sido um *bustum*, ou seja, a cremação *in situ* do corpo e esquife do defunto, com espólio associado, que teria



**Fig. 11.** *Levantamento fotogramétrico da área 1, certamente um espaço sepulcral familiar.*

sido parcialmente alterado pela ação do fogo. É bem conhecida a dificuldade em distinguir, nas sepulturas de incineração, os *busta*, ou cremações *in situ*, das deposições secundárias resultantes da remobilização das cinzas de um *ustrinum* enquanto lugar de queima do cadáver, para o lugar da sepultura (Bel *et al.*, 2009). Neste caso concreto, o facto do afloramento rochoso se apresentar queimado e dos vários fragmentos cerâmicos se encontrarem em conexão, nomeadamente o do prato Hayes 50, bem como a disposição dos pregos definirem o perímetro da padiola onde o corpo terá sido transportado, leva-nos a inclinar para que esta sepultura de incineração seja uma deposição primária do tipo *bustum*. O espólio associado permite datar esta sepultamento de meados ou segunda metade do século III. Sobre as cinzas desta sepultura teria sido edificada uma caixa retangular em pedra solta como forma de cobrir e marcar o lugar do *bustum*. Poderia pensar-se que esta caixa corresponderia a um outro enterramen-

to sobreposto àquele. Todavia, o facto desta caixa de pedras decalcar os limites retangulares da mancha de cinzas, que não apresenta qualquer tipo de cobertura, leva-nos a considerar que tudo isto era uma só sepultura correspondente a dois momentos: um primeiro em que se dá a incineração do corpo com espólio associado; um 2º momento em que o espaço da incineração é delimitado, assinalado e coberto com a caixa de pedra, que não apresenta quaisquer vestígios de fogo e que se sobrepõe às cinzas (Fig. 12).

O afloramento rochoso foi afeiçoado pelo lado oeste na altura da utilização do espaço, a fim de se fazer ali a combustão e a construção da caixa de pedra que encosta e nivela pelo afloramento. Desconhecemos se teria havido algum memorial a assinalar a sepultura acima do nível do solo. O aparecimento de um pequeno fragmento de um tijolo que serviu uma cornija, bem como alguns fragmentos cerâmicos com vestígios de argamassa, deixa imaginar que teria havido aqui elementos construídos. A sinalização e a visibilidade do *locus sepulcralis* na paisagem funerária era muito importante, pois que permitia o constante reconhecimento do lugar do enterramento, bem como a realização de um conjunto de atividades rituais em torno do mesmo. É assim que na sepultura 3 se coloca uma *tegula* ao alto e junto aos pés do defunto com o único intuito de marcar o lugar da sepultura. O afeiçoamento horizontal do afloramento anexo à caixa de pedra pelo lado oeste, criando uma pequena plataforma, se permitia servir de base a um pequeno altar ou outro tipo de memorial destacado na paisagem, servia também como plataforma, à maneira de *mensa*, para libações, oferendas e outros rituais fúnebres. A construção de plataformas ao lado de sepulturas para liba-





**Fig. 12.** *Moeda e prato Hayes 50 da sepultura 1.*

ções e banquetes funerários (*silicernia*) está bem documentada, por exemplo, em La Viña (Isla Cristina) onde ocorre espólio similar ao da nossa necrópole, nomeadamente um prato de TSA Hayes 50 e uma garrafa de vidro globular do tipo Isings 104 (Lopes y de Haro, 2013, *apud* Fernández Sutilo, 2016: 242). Esta sepultura de incineração tipo *bustum*, rodeada de outras de inumação, é particularmente interessante, porquanto atesta um momento de transição entre as últimas sepulturas de incineração, na segunda metade do século III, e a consolidação definitiva e exclusiva do ritual de inumação. Esta realidade da transição de ritual numa mesma necrópole está também presente em sítios costeiros dedicados à pesca e transformação de preparados piscícolas, como são os de La Viña e de El Eucaliptal, no litoral *Onobense*

(Fernández Sutilo, 2016: II 122). A presença de fragmentos de vidros e de outros restos cerâmicos na sepultura 1, entre as cinzas, prende-se com o costume de lançar sobre a fogueira ou pira da incineração peças cerâmicas ou de vidro ou fragmentos das mesmas como oferendas (Fig. 13).

As restantes sepulturas na área 1 eram todas da mesma tipologia, ou seja, de inumação em fossa escavada no solo e total ou parcialmente definidas lateralmente por *tegulae*. Esta tipologia em caixa de *tegulae* torna-se bastante frequente a partir do século III, continuando a existir as sepulturas em fossa com cobertura em *tegulae* de duas águas que vêm do Alto Império e que, a par com as sepulturas em caixa de ladrilhos, constituem os tipos mais frequentes no Sudoeste



**Fig. 13.** *Lucerna tipo mineiro da sepultura 1.*

Peninsular. No caso das sepulturas em caixa da Boca do Rio não ficou claro o sistema de cobertura, à exceção da sepultura 8. Com efeito, as sepulturas 1, 2, 4 e 9 estavam preenchidas com terra e pedras, não tendo sido possível vislumbrar qualquer sistema de cobertura. Talvez que o seu interior fosse simplesmente preenchido, com terra e, por vezes, com grandes pedras como acontece com a sepultura 1, onde alguns blocos calcários chegavam a pesar 20 kgs. Pedras desta e de outras dimensões serviam de cobertura à sepultura 8, formando um verdadeiro *tumulus* sobre a camada de terra que cobria o esqueleto identificado. Este tipo de cobertura é bem conhecido na tardo-antiguidade, quer, por exemplo, na necrópole das Relíquias no litoral onobense (Fernandez Sutilo, 2016: 159), quer na necrópole um pouco

mais tardia do Padrão, na povoação vizinha da Raposeira (Gomes e Paulo, 2011). Nesta última necrópole, apesar da maior parte das sepulturas serem constituídas por fossas com paredes laterais em lajes calcárias colocadas de cutelo, a sepultura 2 tem *tegulae*. É provável que estas *tegulae*, a avaliar pela descrição dos fabricos efetuada pelos seus escavadores, sejam de produção local, talvez do sítio próximo do Martinhal, onde se produziram (Bernardes, 2008), à semelhança de algumas das *tegulae* das sepulturas da nossa necrópole, que apresentam também algumas de pastas calcárias, originárias da Bética. As sepulturas em caixa de tégulas, que começam a registar-se em momentos da transição do rito de incineração para o de inumação, vulgarizando-se a partir de meados do século III, estão presentes em múltiplas necrópoles

de que são exemplo a de Lage de Ouro, no Alentejo, ou em estações do litoral da Andaluzia ocidental com afinidades tipológicas às da Boca do Rio, como sejam El Eucaliptal, La Viña ou Cerro del Trigo (Caetano 2002; Campos, Pérez e Vidal, 1999; Sevilla Conde, 2014).

Das restantes sepulturas da área 1 pouco há a assinalar, uma vez que o espólio se resume a pequenos fragmentos cerâmicos, informes. Na sepultura 2 há a assinalar uma pinça de caranguejo. Tal elemento numa sepultura, tal como restos de malacofauna, pode ser interpretado como um talismã com um fim protetor para o defunto (Ariés e Duby, 1993: 491-492 *apud* Fernández Sutilo, 2016, II, 143). Mas para além deste sentido mágico/supersticioso e apotropaico de proteger o defunto, visava também assegurar que este se mantinha no seu lugar de enterramento, de acordo com a sua nova condição de morto (Vaquerizo Gil, 2010: 311). O mesmo se passa com a colocação de pregos, particularmente de bronze, ou de escória de ferro, como no caso da sepultura 6, onde para além de um prego de bronze que não faria parte do caixão, registou-se escória de ferro particularmente junto à cabeça do defunto, junto à maioria dos pregos. É de notar que a maior parte dos 18 pregos que definiam o perímetro do caixão se encontravam junto ao crânio (Fig. 14). Poderiam fazer parte de um qualquer suporte de madeira para a cabeça, ou ainda inscrever-se nessa prática profilática, mais associada à deposição de pregos de bronze, colocando mais pregos na zona da cabeceira do caixão. Note-se que nesta sepultura os rituais de carácter profilático parecem ser mais importantes do que as oferendas que se destinaram a servir o defunto do além, o



Fig. 14. Prego e restos de madeira definindo o perímetro do caixão da sepultura 6.

que, de resto, está de acordo com a cronologia do século IV atribuível a esta sepultura, quer pela sua tipologia e garrafa de vidro associada, quer pela cobertura em *opus signinum*, tipo *mensa*. Este tipo de sepultura em caixa com cobertura rectangular em *opus signinum*, presente em várias áreas de Tróia e onde são bem perceptíveis as influências norte africanas (Pinto, 2016; Almeida, 1982; 261; Caetano, 2002: 318), tem sido bem documentada, particularmente na última década, na necrópole tardo romana de *Baelo Claudia* do noroeste da cidade (Arévalo *et alii*, 2006: 73). As sepulturas em

*mensae* estão, pois, bastante presentes nos sítios costeiros do sudoeste Peninsular, refletindo quer a forte tradição púnica recentemente demonstrada para as necrópoles da Bética costeira e do Algarve (Fernandez Sutilo 2016; Pereira, 2018) quer os importantes contactos com o Norte de África bem testemunhados nas importações cerâmicas do Baixo Império. Apesar destas sepulturas tipo *mensa* estarem normalmente associadas às primeiras comunidades cristãs, no caso da sepultura nº 6 nada indicia tratar-se de uma sepultura cristã. O espólio e sobretudo o posicionamento do esqueleto que olhava para sudoeste, ao contrário da posição canónica cristã que o orienta para este ou sudeste, aponta para que estejamos perante um enterramento pagão. Já a orientação da sepultura 3 com o esqueleto envolto numa mortalha, apontaria como mais provável uma origem cristã, e isto apesar da presença da moeda, ainda que os dados disponíveis não o permitem afirmar categoricamente.

Por toda a área sepulcral, mas também no exterior e sobre as sepulturas, é frequente verem-se pequenos fragmentos cerâmicos ou mesmo de vidro que se podem relacionar com rituais de purificação, de banquetes funerários e de oferendas aos Manes dos defuntos. A prática de deslocação aos lugares sepulcrais para as oferendas e para os *silicernia* ou banquetes funerários manter-se-á até bem tarde no mundo funerário tardo-antigo do Ocidente, o que levará a que ainda no concílio de Braga de 572 o tema ainda esteja na ordem do dia, ao estabelecer-se pelo cânon LXIX a proibição dos cristãos levarem alimentos para as tumbas ou oferecerem sacrificios em honra dos mortos (Vives, 1963: 102).

---

## CONCLUSÃO

---

Tal como já apontámos para o sítio da Boca do Rio, esta sua necrópole evidencia amplas influências do Norte de África que são comuns a todo o litoral sul peninsular atlântico. Para além dos localismos que sempre existem mesmo entre necrópoles da mesma província, a realidade funerária das necrópoles dos sítios pesqueiros da Bética ocidental, correspondente ao litoral da atual província de Huelva, é muito similar á do litoral algarvio, tanto ao nível da tipologia dos túmulos quanto dos espólios associados (Bernardes *et al.* 2014; Fernández Sutilo, 2016). Talvez que o que se apresenta neste momento mais divergente tem a ver com a quase ausência de túmulos monumentais. Com efeito, se excluirmos os mausoléus de Milreu e do Cerro da Vila, os túmulos romanos do Algarve não apresentam a diversidade e estruturação, por vezes com tendências para a monumentalidade, bem conhecidos nas necrópoles da região vizinha. Mas é possível que isso reflita apenas o diferente nível de investigação existente entre as duas regiões e que num futuro próximo, pelo menos nas necrópoles urbanas de *Ossonoba* ou *Balsa*, se possam identificar túmulos com outra monumentalidade. Quanto à organização do espaço sepulcral, apesar da natureza da intervenção na Boca do Rio não permitir tirar grandes conclusões, ainda assim parece que não difere muito do que se passa na região vizinha quanto à existência de grupos de sepulturas distanciadas entre si por grandes áreas estéreis. Regista-se ainda uma grande diversidade na tipologia das sepulturas. Desde uma caixa de pedra como forma de cobrir uma incineração (sep. 1), caixas de *tegulae* semi escavadas no afloramento (sep. 2, 4, 8, 9 e 5), fossa simples

(sep. 3), caixa escavada na rocha (sep. 6) e fossa com cobertura de tégulas de duas águas (sep. 7). Ou seja, em 9 sepulturas registaram-se 5 tipos diferentes. A estes poderemos ainda acrescentar um outro. Trata-se da sepultura em caixa de ladrilho com cobertura em lajes que se registou no corte da falésia e que não foi intervencionada. Este tipo de sepultura em caixa de ladrilhos ou de pedras, mais estruturados do que as caixas de *tegulae*, reflectem, *a priori*, um estatuto social mais elevado, traduzido frequentemente na deposição de um espólio mais rico. Da mesma forma as sepulturas em fossa simples denotam tendencialmente a presença de indivíduos mais humildes. No caso desta nossa necrópole o espólio mais significativo provém da sepultura 1, a mais antiga e pertencente a uma cronologia, de meados ou 2ª metade do século III, em que era corrente a prática de deposição de espólio nas sepulturas. Todavia a que requereu maior investimento e que denota a presença de um indivíduo socialmente

mais relevante é a sepultura 6, não apenas pelo tipo de sepulcro escavado na rocha calcária à maneira de sarcófago, como pela cobertura em *opus signinum* (tipo *mensa*) ou a presença da garrafa de vidro.

Infelizmente as condições tafonómicas não permitiram a recuperação da maior parte do material osteológico de forma a melhor conhecer as dietas e patologias das populações que viveram na Boca do Rio. Apesar de se ter avançado muito no que diz respeito aos rituais e tipos de enterramento nas necrópoles romanas do Sudoeste Peninsular é necessário agora articular esses dados com os estudos paleopatológicos e paleoparasitológicos, um novo campo do saber que requer cuidados acrescidos na hora de escavar estes contextos bem como na recolha de sedimentos dos enterramentos. Estes estudos a par das análises isotópicas permitirão num futuro próximo grandes avanços no conhecimento do quotidiano das populações pesqueiras.

---

## BIBLIOGRAFIA

---

ALVES, F. S. J. (1997): “Em torno dos projectos da Boca do Rio e do Océan”, *Setúbal Arqueológica*, 11/12, pp. 225-239.

ARÉVALO, A.; BERNAL, D.; MUÑOZ, A.; GARCÍA, I. y MACÍAS, M. (2006): “El mundo funerario tardorromano en Baelo Claudia. Novedades de las intervenciones arqueológicas del 2005 en la muralla oriental”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, 17, pp. 61-84.

ARÉVALO, A. y MORENO, E. (2016): “La moneda en las necrópolis de Gadir/Gades”. In A. Arévalo González (Ed.), *Moneda para el más allá. Uso y significado de la moneda en las necrópolis tardopúnicas y romanas de Ebusus, Gades y Malaca, Cádiz-Málaga*, pp. 73-189.

ARIES, P. y DUBY, G. (1993): *Historia de la vida privada*, Tomo I, Barcelona.

ASSIS, S.y BARBOSA, R. (2008): “A necrópole romana da Quinta da Torrinha/Quinta de Santo António – Monte da Caparica (III-V d.C.): incursão ao universo funerário, paleodemográfico e morfo-métrico”, *Al-Madan*, 16, pp. 1 - 12.

ATLANTE (1981): *ATLANTE delle Forme Ceramiche, I – Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio)*, Roma.

BEL, V., BLAIZOT, F.; BONNET, C.; GAGNOL, M.-É.; GEORGES, P.; GISCLON, J.-L. ; LISFRANC, R.; RICHIER, A. y WITTMANN, A. (2009): “L'étape de la crémation: les bûchers funéraires”. In F. Blaizot

- (Dir), *Pratiques et espaces funéraires de la Gaule durant l'Antiquité - Gallia* 66.1, pp. 89-150.
- BERNARDES, J. P. (2008): "O Centro Oleiro do Martinhal", *Xelb*, 8 (1), Silves, pp. 191-212.
- BERNARDES, J. P.; FERNÁNDEZ, L.; CAMPOS, J. M. y PEREIRA, C. (2014): "El mundo funerario del extremo suroccidental de Hispania a través de dos ciudades: Ossonoba versus Onoba", *Onoba*, 2, pp. 127-147.
- BERNARDES, J. P. y MEDEIROS, I. (2016): "Boca do Rio (Budens, Vila do Bispo): novos dados de uma villa piscícola romana", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, pp. 265 – 286.
- BERNARDES, J. P.; TEICHNER, F.; HERMANN, F. y SOARES, R. (2019): "Novos dados do sítio pesqueiro romano da Boca do Rio", in *Actas do X Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular, Zafrá (in press)*.
- BROOKS, S. y SUCHEY, J. M. (1990): "Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods", *Human Evolution*, 5 (3), pp.227-238.
- CAETANO, J. C. (2002): "Necrópoles e ritos funerarios no Occidente da Lusitânia Romana", in D. Vaquerizo (ed.): *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*, Vol. II, Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 313-334.
- CAMPOS, J. M.; PÉREZ, A y VIDAL, N. (1999): *Las cetariae del litoral onubense en época romana*. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva.
- FERNANDES, H. (2012): *Ossonoba Romana. Análise paleopatológica epaleobiológica de indivíduos adultos da amostra da necrópole do sec.I-III d.C. exumada no Largo 25 de Abril*, Universidade de Coimbra (Tese de mestrado cf. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/21270>).
- FERNANDES, H.; SANTOS, AL.; GONÇALVES, A. y TAVARES, P. (2013): "Osteological evidence of the relationship between the body and the environment of Ossonoba: atypical dental wear and auricular exostoses in individuals from 1-3rd centuries AD", in *Paleopathology Association 40th Annual North American Meeting*.
- FERNÁNDEZ SUTILO, L. (2016): *Espacios y usos funerarios en Onoba y su área de influencia entre los siglos II a.C.-VII d.C.*, Universidade de Huelva (tese de doutoramento cf: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/12805>).
- GOMES, M. V.; SILVA, C. T. M. y MARTINS, I. M. P. (1987): *Levantamento arqueológico do Algarve: concelho de Vila do Bispo*. Lisboa: Delegação Regional do Sul. S.E.C, p. 84.
- GREEN, R. (2003): *Unravels the mystery behind a 2000-year-old skeleton 2000-jahre altes skelett in der Algarve entdeckt*. "Essential Algarve", pp. 18-22.
- LÓPEZ, M. Á. y DE HARO, J. (2013): "Intervención arqueológica preventiva en el trazado del colector de conexión Isla Cristina-La Antilla (Huelva). Memoria Científica. Junta de Andalucía. Delegación Provincial de Cultura. Inédito.
- LOVEJOY, C. O.; MEINDL, R. S.; PRYZBECK, T. R. y MENSFORTH, R. P. (1985): "Chronological metamorphosis of the auricular surface of the ilium: a new method for the determination of adult skeletal age at death", *American Journal of Physical Anthropology*, 68 (1), pp. 15 -28.
- MEDEIROS, I. (2014-15): "Conservas de peixe na Lusitânia. O quadro produtivo da Boca do Rio e das restantes cetariae do Algarve", *Anales de arqueología cordobesa* 15-16, pp. 113-144.
- MENDONÇA, M. C. (2000): "Estimation of height from the length of long bones in a portuguese adult population", *American Journal of Physical Anthropology*. 112 (1), pp. 39 – 48.
- MORENO, E. y ARÉVALO, A. (2017): "La presencia de moneda en los diferentes momentos rituales funerarios de Gades a partir de época augustea", *Onoba* 5, pp. 3-19.
- PEREIRA, C. (2018): *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*, Lisboa: Museu Nacional de

Arqueologia/Imprensa Nacional (Supl. Nº 9 de *O Arqueólogo Português*).

PINTO, I. V. (2003): *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Lisboa.

— (2016): “Late Roman Tombs at Tróia (Portugal): The Mensae”, *Journal of Ancient Egyptian Interconnections* [Online], 10 (setembro, 2016), pp. 103-112.

ROCHA, A. S. (1896): “Notícia de Algumas Estações Romanas e Árabes do Algarve”, *O Archeólogo Português*, II, pp. 77-79.

SANTOS A. L.; CUNHA, E. y SILVA, A. (1992): “Os habitantes de Cêro da Vila (Século I-XI), *n Actas do 7º Congresso do Algarve*, Vilamoura: Racial Clube, pp. 11-17.

SANTOS, A. L.; FERNANDES, H.; GONÇALVES, A.; LAFFONT, J.; JARDIM, D.; RIBEIRO, C. y DIOGO PAIVA, A. (2016): “Auricular exostoses in roman individuals from Ossoyoba (Portugal): an intersection between the clinic and paleopathology”, *in Paleopathology Association - 43th Annual North American Meeting*.

SEVILLA CONDE, A. (2014): *Funus Hispaniense. Espacios, usos y costumbres funerarias en la Hispania Romana* (BAR Internacional Series 2610), Oxford.

SMITH, B. H. (1984): “Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists”, *American Journal of Physical Anthropology*, 63 (1), pp. 39-84.

TEICHNER, F. (2008): *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitaniën*, (Stvdia Lvsitana, 3) Mérida: MNAR.

TEICHNER, F., BERNARDES, J. P.; HERMANN, F.; SOARES, R. (2019): “Boca do Rio (Algarve, Portugal) – A center of export oriented garum production on the shore of Roman Lusitania”. *AIA-congress 2018 (= Akten des 19. Internat. Kongresses für Klassische Archäologie)*, Bonn / Köln (in press).

VAQUERIZO GIL, D. (2010): *Necrópolis urbanas en Baetica*. Tarragona: Universidad de Sevilla e Institut Catalá d’Arqueologia Clássica (*Documenta* 15).

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1896): *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Históricas*, vol. IV, Lisboa: Imprensa Nacional.

VIVES, J. (1963): *Concilios visigodos e hispano-romanos*. Barcelona.